

A URBANIZAÇÃO DA CIDADE DE SÃO PAULO E A PRODUÇÃO ARTÍSTICO - LITERÁRIA DO MOVIMENTO POPULAR DE ARTE DE SÃO MIGUEL PAULISTA NOS ANOS 1970-1980

Valdemir Bueno Camargo¹
Programa de Pós-graduação em História
Faculdade de Ciências e Letras
Universidade Estadual Paulista - Campus Assis

Antonio Celso Ferreira²
Departamento de História
Universidade Estadual Paulista - Campus Assis

Recebido: 06/04/2016
Aprovado: 14/06/2017

Resumo: Para compreender as maneiras como o crescimento da sociedade urbano-industrial promoveu as características atuais da população mundial, assim como o modelo de cidade que hoje é encontrado, a proposta deste artigo é a realização de uma análise do desenvolvimento urbano-industrial da cidade de São Paulo e suas relações com o bairro de São Miguel Paulista e a produção artístico-literária do MPA – Movimento Popular de Arte – São Miguel Paulista, a fim de identificar aspectos pertinentes aos conflitos em torno do direito de uso e ocupação do espaço da cidade, expressos, de certo modo, pela atuação artística e política desse movimento cultural existente na periferia da cidade de São Paulo no final dos anos 1970 e início dos anos 1980.

Palavras-chave: Urbanização; Cidade de São Paulo; Movimento Popular de Arte; Abertura Política.

THE URBANIZATION OF THE CITY OF SÃO PAULO AND THE ARTISTIC PRODUCTION – THE POPULAR MOVEMENT OF LITERARY ART OF SÃO MIGUEL PAULISTA IN THE YEARS 1970-1980

Abstract: To understand the ways in which the growth of the urban-industrial society promoted the current features of the world's population, as well as the model of the city that today is found, the purpose of this article is to perform an analysis of the urban-industrial development of the city of São Paulo and its relations with the neighborhood of São Miguel Paulista and artistic and literary production of the MPA-Popular Art Movement-São Miguel Paulista in order to identify relevant aspects to conflicts over the right of use and occupation of city space, expressed in a certain way, for this policy and artistic cultural movement in the outskirts of the city of Sao Paulo in the late 1970 's and early 1980.

Keywords: Urbanization; The City of São Paulo; Popular Art Movement; Political Opening.

¹ E-mail: ggiocamargo@hotmail.com.

² E-mail: acelsof@terra.com.br.

A urbanização capitalista nos países periféricos

A urbanização elitista e especulativa da cidade de São Paulo promoveu a formação de uma imensa mancha urbana, onde se verifica um processo de segregação sócio espacial intenso. Entretanto, ao longo da história da cidade, surgem formas de resistência popular, impulsionadas por movimentos sociais que combatem a exclusão. Para tentar compreendê-los, estudos sobre movimentos sindicais, associações de bairros, e projetos populares de educação e cultura foram desenvolvidos nos diferentes bairros que compõem a imensa periferia paulistana.

Dentre os bairros mais carentes dessa periferia, destaca-se São Miguel, situado no extremo leste da zona leste da cidade. Com uma história que remonta aos tempos da fundação da cidade, o bairro passou por um vigoroso processo de urbanização, promovido pela industrialização e pela migração, a partir da segunda metade do século XX. Nesse processo de desenvolvimento, desponta, no final da década de 1970, a partir de um enfrentamento ocorrido entre artistas locais, a prefeitura e a igreja, em torno do direito de uso e ocupação de uma pequena capela jesuítica, marco fundador do bairro, o Movimento Popular de Arte (MPA), cuja atuação foi significativa, não somente para a cena cultural paulistana mas, também, para a mobilização política da comunidade, em prol da redemocratização do país e das reivindicações por direitos essenciais para uma melhor condição de vida.

Por isso, destacamos a necessidade de realizar um trabalho que se detivesse sobre a produção artístico-literária do MPA e um tema delimitado: a cultura como ação política, a fim de colocar em debate as contradições sociais pertinentes ao processo de urbanização tardia que marcou nosso desenvolvimento recente. Para tanto, levamos adiante uma análise textual de algumas produções teatrais, poéticas e musicais, além de manifestos políticos do movimento, relacionando essa produção à situação sociopolítica daquela comunidade e ao momento vivido pelo país no período compreendido entre 1978 e 1985.

A produção artística e a participação política desse movimento é representativa dos temas que compõem o cotidiano vivido pelos moradores e frequentadores daquele bairro, em geral, operários e assalariados de todos os tipos, provenientes das zonas rurais e pequenas cidades do interior do Brasil. Por isso, a proposta desse estudo é identificar, por meio da produção artístico-cultural

desenvolvida pelo Movimento Popular de Arte (MPA), entre 1978 e 1985, as demandas sociais presentes na periferia de São Paulo, a fim de contribuir para a compreensão das disputas em torno do direito a cidade.

Para alcançar com mais coesão nosso objetivo, inicialmente, é necessária uma contextualização do bairro de São Miguel como parte da história da cidade de São Paulo e como marco da expansão capitalista no Brasil para, de forma dialética, demonstrar que a urbanização e esse meio de produção se constituem em um único processo que promove um modo de vida que se notabiliza pelo aumento da população residente em cidades e se expressa nas formas que ela e o campo adquirem.

Assim, adotamos o princípio de que os espaços da cidade representam de maneira, mais bem acabada, as contradições da sociedade que promove tal processo. Apesar dela não ser, o urbano como um todo, vale ressaltar, é a partir dela, que o modo de vida burguês se irradia, definindo os padrões econômicos, bem como o comportamento social do mundo moderno. Dessa maneira, o estudo da história da cidade pode nos proporcionar uma melhor compreensão sobre a nossa condição de ser e estar no mundo, pois, nela estão presentes os valores concretos e simbólicos de nossa sociedade.

No que diz respeito ao bairro de São Miguel, vale ressaltar, ele está localizado a cerca de 21 quilômetros de distância, na direção leste, da área central da cidade de São Paulo, constituindo-se como um dos bairros da Região Leste da capital paulista desde o pátio do colégio, seu núcleo original, situado sobre a colina que separa os vales do Tamandaú e do Anhangabaú, incluindo nessa região, os distritos do Brás, Pari, Moóca e Tatuapé, classificados como Zona Leste - 1, e, a partir da Penha, Ermelino Matarazzo, Itaquera, Guaianazes e São Miguel, formando a Zona Leste - 2. Trata-se, portanto, de um bairro da extrema periferia da maior cidade brasileira. Mas, o que isso quer dizer?³

³ Segundo CALDEIRA. Tereza Pires do Rio. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo: Brasiliense, 1982. p. 07: “Definir o significado da palavra “periferia” não é uma tarefa simples, pois, ela quer dizer muita coisa, mas não serve para explicar quase nada. A palavra é usada para designar os limites, as franjas da cidade, talvez em substituição a expressões mais antigas, como “subúrbio”. Mas sua referência não é apenas geográfica: além de indicar distância, aponta para aquilo que é precário, carente, desprivilegiado em termos de serviços públicos e infra-estrutura urbana”.



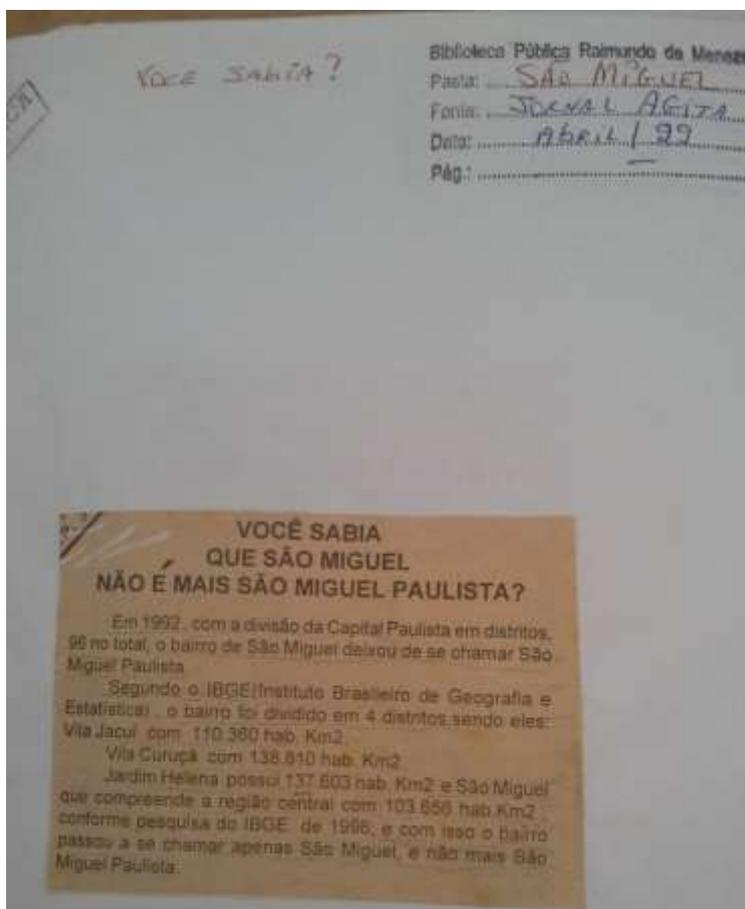
Localização de São Miguel entre os bairros do município de São Paulo.⁴

A origem do nome São Miguel reflete uma longa história que teve início nos primeiros anos do povoamento e da presença dos jesuítas do Brasil e se refere a São Miguel Arcanjo, santo escolhido pelo padre José de Anchieta para dar nome àquele local. No entanto, a primeira denominação que o lugar recebeu veio dos índios guaianazes, que o chamavam Ururaí, passando depois a ser chamado de São Miguel de Ururaí. Nos anos 1930, durante o governo Getúlio Vargas, foi renomeado e passou a se chamar Baquirivú, entretanto, a população de revoltou contra a mudança e exigiu o retorno do nome São Miguel, que acabou seguido do adjetivo “paulista”, tornando-se, enfim, São Miguel Paulista. O emprego desse adjetivo estava relacionado ao interesse de reforçar suas origens ligadas ao bandeirismo

⁴ Fonte: MORAIS, Isabel Rodrigues de. **São Miguel Paulista – Capela de São Miguel Arcanjo: Interfaces da Memória do Patrimônio Cultural**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

em oposição a Baquirivú, que se referia às origens indígenas ou, ainda, São Miguel Bahia, nome também sugerido na época, e que buscava identificar o bairro com a presença maciça de nordestinos, que havia começado a ocorrer a partir dos anos 1930.

Vale salientar que um fragmento de uma matéria do “Jornal Agita”, de abril de 1999, chama a atenção para uma nova mudança no nome do bairro, feita pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 1992, que havia retirado o adjetivo “paulista” e deixado apenas a denominação pela qual os moradores se referem, ainda hoje, a ele: São Miguel.⁵



Matéria “Jornal Agita”. Hemeroteca da Biblioteca Municipal Raimundo Menezes – Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo.

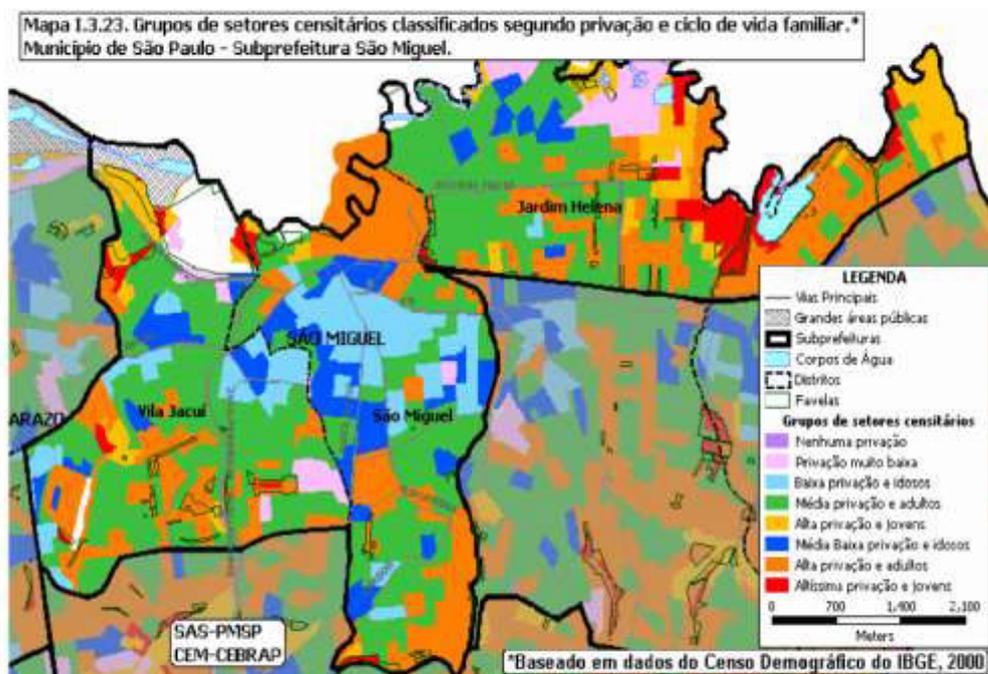
Seus limites territoriais, na década de 1970, período em que ocorre o surgimento do MPA, eram, ao norte, o município de Guarulhos, a leste,

⁵ Ao nos referirmos ao bairro, ao longo do artigo, optamos por usar o nome São Miguel, abrindo mão do adjetivo “paulista”. Essa escolha se deve ao fato de ser esta a principal forma de referência ao bairro entre seus moradores e visitantes.

Itaquaquecetuba, e, ao oeste e ao sul, os distritos de Ermelino Matarazzo, Itaquera e Guaianazes, respectivamente. Sua história remonta aos tempos da fundação da capitania de São Vicente, depois capitania de São Paulo, e da vila de São Paulo de Piratininga, atual cidade de São Paulo, sendo um de seus bairros mais antigos. Sua área superficial era de 3900 hectares. ocupada de modo relativamente disperso por uma população estimada em 310000 habitantes. No conjunto das unidades territoriais que compunham a Região Leste 2, o distrito de São Miguel representava 12% da área total e apresentava igual percentual no que se referia à população da região como um todo.⁶

Atualmente, o Distrito de São Miguel, vale lembrar, é formado, de acordo com dados do CEM – Centro de Estudos da Metrópole da Universidade de São Paulo, com base no Censo Demográfico do IBGE – 2000, pelos bairros de São Miguel, Jardim Helena e Vila Jacuí, como se pode observar na imagem a seguir. E, ainda, de acordo com dados da Prefeitura de São Paulo – Coordenação das Subprefeituras – Subprefeitura de São Miguel, em 2016, o Distrito correspondia a uma área de 24,30 Km², e, de acordo com o Censo 2010, sua população era de, aproximadamente, 369.496 habitantes e a densidade demográfica em torno de 15.206 habitantes por quilômetro quadrado.

⁶ Como demonstra ARANTES, Antonio A. **Produção cultural e revitalização em bairros populares: o caso de São Miguel Paulista**. Mimeografado. Relatório final do projeto sobre levantamento das características socioculturais, e identificação de sítios históricos propícios a projetos de revitalização, na Zona Leste da cidade, encomendado pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura, 1978. (Acervo Paulo Fontes, disponível na Biblioteca Municipal Raimundo Menezes)



Dados censitários envolvendo setores classificados segundo o nível de privação e ciclo de vida familiar, referentes ao recenseamento da população brasileira realizado pelo IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para o ano de 2000 (Fonte: Centro de Estudos da Metrópole (CEM) - Universidade de São Paulo (USP)).

De acordo com os dados apresentados na representação cartográfica acima, elaborada pelo Centro de Estudos da Metrópole (CEM) e pela Universidade de São Paulo (USP), onde os três bairros que constituem o atual distrito de São Miguel aparecem classificados quanto ao nível de privação e ciclo familiar, é possível constatar que o mesmo apresenta condições de desenvolvimento econômico e social que variam, predominantemente, de baixa privação à altíssima privação, não havendo áreas classificadas como nenhuma privação e somente algumas poucas áreas classificadas como privação muito baixa. O nível de privação e ciclo familiar estão relacionados à aspectos como a capacidade de acesso aos direitos básicos fundamentais, educação, saúde, moradia e longevidade, além da renda per capita média, a fim de definir parâmetros de qualidade de vida.

Evolução histórica da urbanização e da industrialização brasileira

No início da década de 1920, a cidade de São Paulo vivia um intenso processo de metropolização. A sensação de quem observava sua dinâmica era de que as formas da cidade não duravam tempo suficiente para constituírem uma

memória social, e quanto aos seus moradores, já não era possível conferir-lhes uma identidade própria.⁷

Ao analisar o universo social da cidade nos anos 1920, concentrando-se no impacto dos novos hábitos, padrões estéticos e valores simbólicos, o autor a compara a um cativeiro da babilônico, ao fazer referência aos milhares de homens e mulheres sem raízes e submetidos a uma exploração crescente no caos de sua metropolização. E que para compensar o lapso de memória e o estranhamento causados por este momento, buscava-se a ritualização dos movimentos de massa.

Observa, ainda, se tratar de um tempo cuja marca foi a valorização das conquistas individuais por meio de personagens identificados, entre outros aspectos, pelas grandes conquistas esportivas, a saúde do corpo e o bem estar social. Identificados, como característicos da formação dos movimentos de massa, tais aspectos nos chamam a atenção por sua utilização como instrumentos de alienação, empregados por uma política que buscava reforçar a elitização e a higienização social.

No início do século XX, São Paulo era uma cidade concentrada em uma pequena área que abrigava habitações de diferentes classes sociais, as atividades industriais, os serviços e o comércio. No que diz respeito à moradia, na pequena área central da cidade, situada entre os vales do Tamanduateí, à leste, e Anhangabaú, à oeste, pelo espigão da Paulista, ao sul, pelas várzeas do Tietê ao norte, era possível distinguir as classes sociais pelo tipo de habitação que ocupavam. Os ricos moravam em casas próprias, já os pobres se acumulavam em espaços alugados que, devido aos altos preços dos aluguéis, eram divididos por diversas famílias e indivíduos, constituindo as casas de cômodos e os cortiços.

A existência dessas moradias provocava preocupações para os ricos e para o poder público que, alegando motivos sanitaristas como o risco de ocorrerem epidemias que atingissem a todos os moradores da cidade, justificavam uma

⁷ De acordo com SEVCENKO. Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p. 31: “Não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente de fábricas, nem entreposto agrícola, apesar da importância crucial do café; não era tropical nem subtropical; não era ainda moderna, mas já tinha passado”.

constante e brutal repressão policial sobre os moradores dos cortiços e dos bairros pobres. Dessa forma, tentou-se estabelecer uma legislação urbana que impedia a existência de cortiços e promovia a demolição de edificações insalubres na sua área central, incentivando-se, simultaneamente, a construção de casas para os pobres fora de seu perímetro.

O caráter elitista e especulativo das intervenções urbanas, assegurado por investimentos em obras, legislação urbanística e coerção social, buscou fazer do centro da cidade uma área especializada no comércio e serviços, da qual se procurava suprimir as moradias populares, especialmente os cortiços. Bairros residenciais exclusivos foram criados na zona oeste da cidade e no espigão central, sendo destinados às classes de alto poder aquisitivo. Enquanto para os trabalhadores pobres e suas famílias, havia como alternativa os cortiços, as áreas localizadas nas bordas da cidade, nas ladeiras e baixadas. Assim, começavam a se formar os bairros sem plano de conjunto, frutos da especulação imobiliária e da venda de lotes à prestação, o maior veio de ouro da São Paulo do século XX.

Até a década de 1930, o mercado de terras e a segregação social haviam sido favorecidas pelo autoritarismo da elite oligárquica, organizada em torno do PRP – Partido Republicano Paulista, que dominava o quadro político-institucional, e pela debilidade dos poderes legislativo e judiciário, a ela submetidos, e ainda pela opressão das classes populares formadas pelos trabalhadores estrangeiros, mulheres e analfabetos, sem direito de voto que pouco podiam fazer para resistir institucionalmente a essa situação, o que possibilitava a perpetuação, no poder, das elites agrárias, dos financistas e da plutocracia urbana.

A partir dos anos de 1940, o crescimento industrial paulistano e o consequente fortalecimento do operariado e de seus sindicatos, o aumento populacional da cidade, a multiplicação de órgãos de imprensa, de associações profissionais, de imigrantes, de ajuda mútua e de classe, promoveram uma crescente contestação popular contra o domínio oligárquico.⁸

Ademais, neste período histórico marcado pelas grandes transformações econômicas e sociais no Brasil, promovidas pela aceleração urbana industrial,

⁸ De acordo com SEVCENKO. Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 72-75.

ocorreu a formação de classes médias urbanas e elites letradas, juntamente com uma nova classe operária, caracterizada pelo abandono de suas raízes imigrantes e europeias, ganhando, cada vez mais, uma feição nacional. Estas mudanças contribuíram para a ascendência de movimentos de caráter político e cultural, como o Tenentismo e a Semana de Arte Moderna de 1922, culminando com a Revolução de 1930. O programa nacional desenvolvimentista do getulismo e a eclosão da Segunda Guerra Mundial, em 1939, foram fatores que colaboraram ainda mais para esse processo.

Contudo, foi no pós-guerra que a urbanização de fato se converteu no maior fenômeno econômico social brasileiro, em um movimento que envolveu industrialização, inclusive cultural, especulação imobiliária urbana, a formação de movimentos populares de caráter político e cultural que passaram a denunciar os problemas sociais urbanos e as carências da classe trabalhadora, com vistas a uma revolução nacional popular. Com o golpe de Estado civil-militar em 1964, porém, a questão social, mais uma vez, passou a ser tratada como caso de polícia e subversão ideológica combatida pelos órgãos de repressão por meio da prisão, tortura, do exílio e do assassinato de trabalhadores e opositores políticos do regime, sob o signo do combate ao comunismo e da defesa da segurança nacional.

A partir dessa trajetória histórica do desenvolvimento da cidade, percebemos que, durante os três séculos da colonização, o bairro de São Miguel se transformou de forma lenta, acompanhando o compasso do crescimento da Vila de São Paulo. Seus habitantes sobreviviam de atividades como a pesca e a caça, e de pequenas chácaras que produziam hortaliças e frutas.⁹ No entanto, na medida em que a cidade de São Paulo se transformou no centro financeiro e ferroviário da economia cafeeira, o bairro também começou a observar mudanças. Nas primeiras décadas do século XX, o rápido crescimento populacional da cidade fez com que algumas áreas rurais localizadas no então distrito de São Miguel fossem ocupadas por portugueses e japoneses, que ali estabeleceram chácaras para o cultivo de

⁹ Servindo-nos das palavras de FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Comunidade Operária, Migração Nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002. p. 105: "São Miguel, aldeamento indígena e missão jesuítica nos séculos 16 e 17, embora um dos mais antigos bairros da cidade de São Paulo, pouco se desenvolveu nos séculos seguintes, permanecendo como um pequeno núcleo habitacional no extremo leste do município."

flores, frutas e hortaliças, cuja produção abastecia a cidade. Ainda na primeira metade do século XX, a produção de tijolos e telhas, realizada por olarias que exploravam areia e argila do leito do rio Tietê, também passou a representar uma atividade econômica importante para os habitantes dos subúrbios orientais da cidade.

Todavia, entre o final dos anos 1920 e o início dos anos 1930, ocorreu uma mudança quanto à distribuição espacial da atividade industrial na cidade de São Paulo. O que motivou essa transformação, a princípio, foram os elevados custos de instalação das novas plantas industriais nas áreas centrais e antigos bairros operários da cidade, cuja ocupação era praticamente total. As principais empresas automobilísticas, exceto a General Motors, que já havia se alojado em São Caetano, instalaram-se ao longo da Anchieta. Um movimento semelhante percebeu-se em direção aos bairros periféricos da capital, como Osasco, Santo Amaro, Ermelino Matarazzo e São Miguel.¹⁰

Nesse contexto, então, a história do bairro passou a vivenciar um novo tempo, quando ali se instalou a Companhia Nitro Química Brasileira, no início dos anos 1930. Sua realidade histórica teria sido tão drasticamente alterada que, para muitos, o ano de 1935, data em que o então subúrbio de São Miguel foi escolhido para a instalação da gigantesca fábrica, considerada a CSN do setor químico brasileiro, deveria ser considerado o ano de fato de sua fundação.

O isolamento geográfico do bairro, que poderia ser visto como um problema para os interesses de um grande empreendimento industrial como a Nitro Química, na verdade, talvez fosse um aspecto positivo no que dizia respeito ao controle e à disciplina dos trabalhadores. Tudo indica que essa era uma preocupação de José Ermírio de Moraes, já demonstrada com a instalação da Tecelagem Votorantin em um distrito isolado do município de Sorocaba, no interior do estado. Assim, como em Sorocaba, em São Miguel seria possível controlar e disciplinar a mão de obra, mantendo-a isolada de influências que poderiam afetar os interesses empresariais. Com o tempo, as imensas áreas baldias

¹⁰ De acordo com SAES. Flávio Azevedo Marques de. **Industrialização e urbanização 1870-1960**. In: CAMARGO. Ana Maria de Almeida (Org.). **São Paulo uma viagem no tempo**. São Paulo, CIEE: 2005. p. 132-133.

em torno dela seriam transformadas em vilas operárias destinadas a abrigar seus trabalhadores e uma imensa massa de migrantes paulistas, mineiros, paranaenses e, principalmente, dos estados do Nordeste destacando-se, nesse sentido, os baianos e pernambucanos, que para lá se dirigiam, principalmente, em busca de espaços de moradia mais acessíveis.

Migrantes e imbricações culturais na cidade de São Paulo e São Miguel Paulista entre 1940 e 1980

Nesse sentido, é preponderante estudar esse período, levando em consideração o contexto das imbricações culturais e dos conflitos urbanos, além das novas formas de sociabilidade promovidas pela industrialização e urbanização, a fim de se compreender, um pouco mais, de que maneira o bairro e seus moradores adquiriram características próprias reconhecidas como suas ao final da década de 1970 e início dos anos 1980, e que contribuíram para o surgimento do MPA – Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista.¹¹

Isso porque, essa frente de mobilização cultural e política surgiu a partir do momento em que um grupo de artistas locais tomou conhecimento de que havia uma pesquisa antropológica em andamento, encomendada pela Secretaria de Cultura do Município de São Paulo, que fazia parte de uma política cultural para a cidade, cuja concepção foi vista como bastante conservadora e autoritária, no sentido de não ter tido na sua formulação a participação da comunidade, partindo de concepções de órgãos técnicos, que nada ou pouco tinham a ver com suas experiências cotidianas sendo, por isso, equivocada ao sugerir que não havia naquela comunidade da periferia da cidade uma produção cultural relevante, propondo, então, a museificação daquele patrimônio histórico-cultural ali existente.

O órgão governamental pressupunha que, sobretudo em São Miguel, não havia uma produção cultural relevante e a criação de um museu de arte sacra jesuítica no local serviria de incentivo para que isso começasse a existir. Essa pressuposição derivava do fato de que aquela comunidade de origem jesuítica e

¹¹ A partir daqui, nos referiremos ao Movimento Popular de Arte de São Miguel Paulista pela sigla “MPA”.

bandeirante havia sido transformada pela chegada de milhões de migrantes de origem camponesa e das pequenas cidades do interior, fagocitadas pela metrópole industrial, e essa população era vista, pelos órgãos oficiais de cultura e pelas classes socialmente dominantes, como incapaz de imprimir uma nova identidade cultural para o bairro.

Evidenciava-se, desse modo, o conflito em torno da questão da construção das novas identidades históricas em comunidades que passaram por transformações de ordem social e cultural, como foi o caso de São Miguel, em virtude da industrialização e das migrações. O que embasava a proposta do órgão oficial era a convicção de que o museu seria uma maneira de incentivar e promover a cultura local, porque aquela era uma região considerada particularmente pobre neste aspecto.¹²

Desse modo, para os artistas locais, o projeto de museificação da cultura não despertava nenhum interesse, sobretudo por não haver uma identificação com as tais origens históricas e porque não havia de fato uma necessidade de incentivar a criação de uma produção cultural local, visto que ela já existia e era intensa. Aos artistas interessava lutar por espaços onde pudessem expor e divulgar sua arte, pois acreditavam ser esta a melhor maneira de incentivar a produção cultural na periferia. Por isso, para o grupo, a questão não se resumia somente ao futuro da capela, tratava-se também de participar e contribuir para o futuro político do país por meio de uma arte engajada, denunciando as carências sociais da comunidade, a tortura, a censura, a violência policial e a miséria, a que eram submetidos seus moradores, defendendo, ainda, a redemocratização do país ao participar, efetivamente, das lutas políticas colocando-se na oposição ao regime ditatorial.

¹² De acordo com ARANTES, A. Op. Cit., p. 149-150: “A proposta que deu origem a esse trabalho, na verdade, foi feita por um órgão do Estado que estava preocupado com um levantamento das características sócio-culturais da Zona Leste da cidade de São Paulo. Aliada a isso, colocava-se a questão da revitalização de edifícios de interesse histórico localizados nessa região. Essa preocupação remetia a um problema, que me parecia muito interessante, que é o da revitalização de “monumentos nacionais” localizados em áreas ocupadas por segmentos da sociedade que não, necessariamente, compartilham das concepções que constituem esses bens como monumentos, como significativos do ponto de vista da cultura da nação como um todo. Esse trabalho partia de um pressuposto que, a meu ver, era falso. Os que me convidaram a fazê-lo consideravam a área onde se localizava esse bem, a Zona Leste de São Paulo, uma área culturalmente muito pobre, com uma produção local praticamente inexistente ou muito insignificante”.

Essa questão surgia num momento histórico bastante interessante vivido por São Miguel, a consolidação de uma nova identidade cultural para o bairro, adquirida a partir dos anos 1930, quando se tornou um importante distrito industrial e passou a atrair migrantes de diferentes estados, como já foi dito anteriormente. Esse processo de metamorfose social e cultural, vivido pela comunidade, foi tratado pelos discursos históricos oficiais de cunho elitista, pela ótica da ideologia das diferenças regionais entre paulistas e nordestinos, procurando, a nosso ver, ocultar a contradição de classes que se aprofundava com a urbanização de milhões de camponeses pobres que passaram a habitar a periferia da cidade.

A criação e a existência do MPA fortaleceram a ideia da necessidade do uso da cultura como instrumento de mobilização e conscientização política da sociedade. Tal estratégia de ação cultural passou a se manifestar de maneira mais intensa no Brasil a partir dos anos de 1950, motivada pela formação das novas classes médias urbanas e pelo aprofundamento das contradições de classe. Na produção artística literária do MPA, tornaram-se fundamentais as influências recebidas das vanguardas culturais desde o Modernismo, nos anos 20-50, passando pelo teatro universitário do Teatro de Arena, do Centro de Cultura Popular (CPC) da União Nacional dos Estudantes (UNE), teatro Oficina e Opinião, nos anos 50 e 70, e da Música Popular Brasileira (MPB), dos anos 60 a 80, em que a cultura se armou de um conteúdo político e acreditou ser capaz de contribuir para uma revolução nacional popular.

Inserido, portanto, nos termos do universo da arte engajada do final da década de 1970 e início dos anos de 1980, o papel do MPA foi o de agitação cultural e conscientização política que buscava, no caráter histórico e concreto da produção e representação artística, a transformação ideológica e a educação dos trabalhadores, assumindo, desse modo, o ponto de vista da classe social e representando suas dificuldades mais urgentes decorrentes da crise vivida por aquela comunidade.

A opção pelo papel da cultura como ação política, fazia-se exatamente porque, em função da obliteração do estético que marca a trajetória da arte nesta

época, pensar o estético é, antes, pensar o político.¹³ Portanto, foram essas as premissas básicas que nortearam a produção artística literária desse movimento de artistas que, mobilizados em torno dessas causas, deram vida a uma bela cena da vida cultural e política paulistana dos idos dos anos 1970 e 1980. O folheto a seguir apresenta o MPA à população e a convida para participar de suas reuniões e programações.

O que é o MOVIMENTO POPULAR DE ARTE ?
Por que a programação abril e maio ?

O M.P.A. é a união de várias pessoas e grupos que lutam pela Arte Popular em São Miguel Paulista, com toda sorte de dificuldades, como falta de grana, de local para ensaios, de aparelhagens de som e etc. É uma luta que só é possível graças à garra e à força de vontade de seus componentes, pois tudo é conseguido através dos seus esforços pessoais.

Nossa preocupação é estimular e divulgar as manifestações artísticas populares e de levar a Arte como uma forma de participação e de reflexão das pessoas dentro das suas comunidades, mostrando que todos nós (povo), podemos e devemos participar não só como espectadores, mas também como criadores da Arte.

Essa programação de abril e maio serve para fazer da praça um ponto de encontro entre as pessoas, através da cultura, além de estimular e trazer o pessoal que faz Arte na zona leste, para mostrar o seu trabalho. Serve também para divulgar a nossa luta para transformar a Capela Velha de São Miguel num Centro de Cultura e Lazer para a população. E nós já provamos que isso é possível, pois em dezembro de 1978, fizemos uma mostra de Arte da região que aglutinou mais de 4.000 pessoas na Capela Velha.

Venha participar conosco. Nossas reuniões são realizadas todos os domingos às 18 horas no SOF (Serviço de Orientação à Família), Av. Fiores do Rio, 8 B, ou aqui mesmo na Praça, quando estamos em programação.

M.P.A. - PELO LAZER E PELA CULTURA - M.P.A.

Panfleto apresentando as propostas do Movimento Popular de Arte - Fonte: Acervo Documental do MPA

Convém ressaltar que o MPA, historicamente contextualizado, acompanhou um dos momentos cruciais da história contemporânea brasileira: transição da ditadura civil-militar de 1964 para a democracia partidária, em 1985, sendo que, ao dar início às suas intervenções artísticas em dezembro de 1979, acabou por surgir no período em que a Lei da Anistia havia sido promulgada pela ditadura. Desponta, dessa forma, no momento em que o país começava a delinear as primeiras medidas da abertura tutelada e a transição para a redemocratização.

O empenho político que o MPA realizou durante a campanha das eleições de 1982, as primeiras a acontecerem desde 1964, para governadores de estados, é demonstrado no folheto a seguir.

¹³ Aproveitando-nos das palavras de MOSTAÇO, Edélcio. **Teatro e política: arena, oficina e opinião**. S.l.: Proposta Editorial, 1982. p. 10-11.

O MPA E AS ELEIÇÕES DE 15 DE NOVEMBRO

O MPA completa quatro anos de luta pela arte, pelo lazer e pela cultura popular da periferia.

Nesse tempo todo, o MPA se caracterizou como um grupo de oposição ao atual esquema artístico e cultural existente no Brasil. Luta pela transformação dos meios de comunicação controlados pela burguesia que tenta impor ao povo uma falsa realidade.

Diante disso, não poderíamos deixar de dizer o que pensamos do momento que vive o País. Em 15 de novembro próximo o povo irá às urnas. Sabemos que as eleições não acabarão com a miséria do povo, com o desemprego e com as injustiças sociais. Mas, elas são um passo importante no processo de transformação da sociedade, principalmente se junto com as eleições, caminhar o avanço da consciência popular, pois só um povo organizado e consciente poderá transformar profundamente a realidade brasileira.

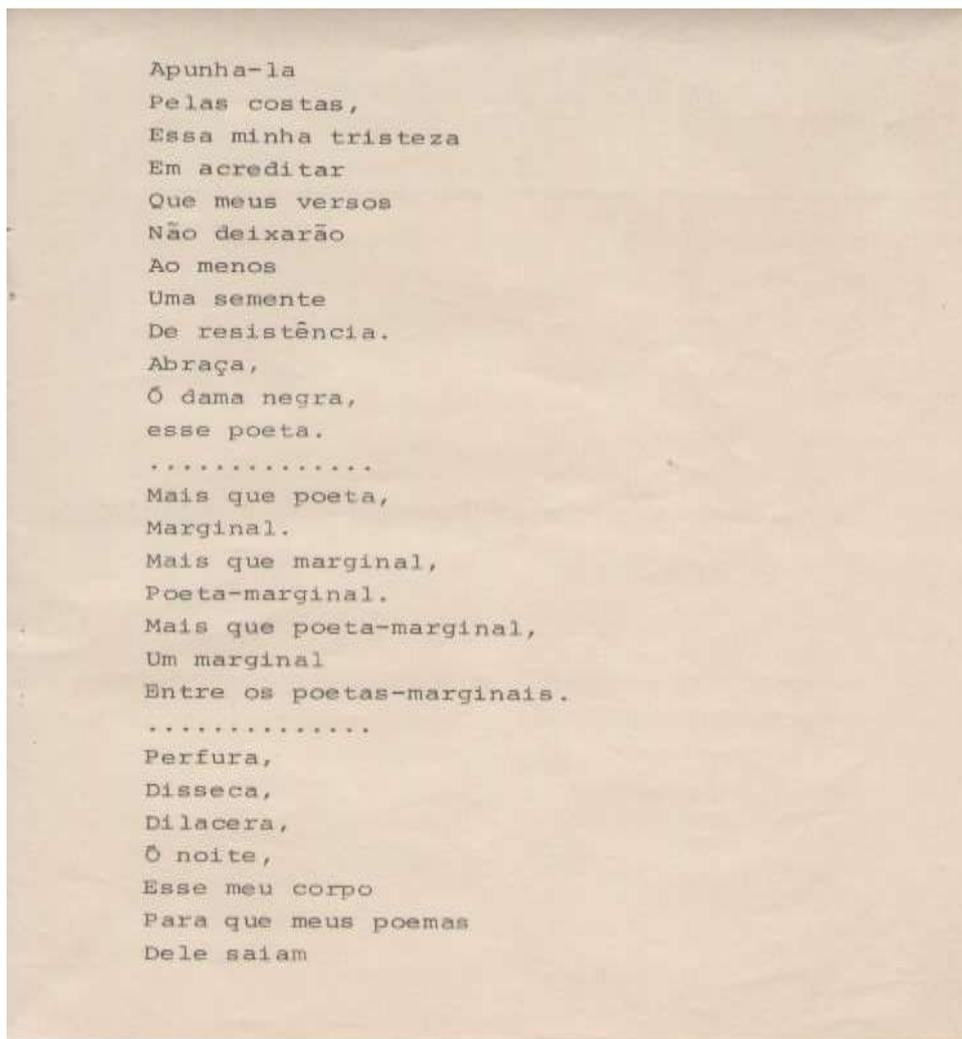
No nosso bairro, reconhecemos dois partidos que possuem propostas coerentes com o que pensamos. São eles o Partido do Movimento Democrático Brasileiro - PMDB - e o Partido dos Trabalhadores - PT. Por isso, consideramos importante em 15 de Novembro, votar num desses dois Partidos.

São Miguel Paulista, setembro de 1982

MOVIMENTO POPULAR DE ARTE

Folheto incentivando a população a votar nos partidos de oposição nas eleições de 1982 - Fonte: Acervo Documental do MPA.

A opção de classe do MPA evidencia-se no poema a seguir, de autoria desconhecida. O poeta se auto denomina o marginal entre os marginais fazendo uma referência, provavelmente, à condição em que se produzia a arte na periferia, à marginalidade da sua situação de morador de uma comunidade trabalhadora de baixa renda, diferentemente do poeta marginal da classe média alta paulistana, das décadas de setenta e oitenta.



Poema de autor desconhecido - Fonte: Cadernos de Poesias do MPA.

E, ainda, na imagem a seguir, vemos músicos participantes do MPA, no início dos anos 1980, realizando uma apresentação na estação São Bento do metrô, um significativo espaço de divulgação de jovens artistas e seus movimentos culturais, reunindo seguidores na área da estação que dava acesso ao vale do Anhangabaú, um dos principais recintos das diferentes manifestações culturais da cidade naquela época.



Músicos do MPA em apresentação na estação São Bento do Metrô – Acervo Iconográfico do Movimento Popular de Arte.

A banda, formada por um sexteto, lançava mão, como recursos sonoros, da zabumba e do triângulo, referências diretas à influência nordestina em sua música. Essa influência resultava, também, de uma certa tendência adquirida por um segmento da Música Popular Brasileira que, desde o final dos anos 60 e início dos 70, passou a produzir uma música de caráter regionalista, nos grandes centros urbanos do país, como forma de destacar as origens da população migrante que passara a habitá-los, tendo sido a vertente nordestina a mais expressiva.

Os compositores nordestinos, como Belchior, Ednardo, Alceu Valença, Zé Ramalho, entre outros, operaram releituras da cultura jovem e fundiram elementos regionais nordestinos com o *pop*, numa operação crítica e criativa acerca do impacto do moderno sobre o tradicional.¹⁴ E, no caso específico do MPA, o triângulo e a zabumba marcam a identidade nordestina pela qual o bairro de São Miguel passou a ser reconhecido no universo da cidade de São Paulo, passando a ser “a maior cidade nordestina do país”.

¹⁴ NAPOLITANO, Marcos. **MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982)**. São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2010. p. 394.

Sobre a construção da imagem da região Nordeste no imaginário nacional, assim como do Brasil, não são recortes naturais, políticos ou econômicos apenas, mas, principalmente, construções imagético-discursivas, constelações de sentido, ou, ainda, o Nordeste, na verdade, está em toda parte desta região, do país, e em lugar nenhum, porque ele é uma cristalização de estereótipos que são subjetivados como característicos do ser nordestino e do Nordeste “[...] o Nordeste quase sempre não é o Nordeste tal como ele é, mas é o Nordeste tal como foi nordestinizado”.¹⁵ Essa questão aparece, por exemplo, nos versos da canção *Conheço o meu lugar*, escrita por Belchior e que fez parte do LP “Medo de Avião”, de 1979:

[...] Não! Você não me impediu de ser feliz!
Nunca jamais bateu a porta em meu nariz!
Ninguém é gente!
Nordeste é uma ficção! Nordeste nunca houve!

Não! Eu não sou do lugar dos esquecidos!
Não sou da nação dos condenados!
Não sou do sertão dos ofendidos!
Você sabe bem: Conheço o meu lugar.

No caso específico de São Miguel, a industrialização e as migrações colocaram, para a comunidade local, essas e outras questões que marcaram sua história a partir de meados do século XX. Ao nos debruçarmos sobre os processos de imbricação cultural ali ocorridos, constatamos que, entre tantas lembranças, a estação de trem, a fábrica, o rio Tietê, os bairros vizinhos, os laços de parentescos, as relações pessoais e as ações que se engendraram nesses locais, eram elementos do bairro que tinham sua importância vinculada a determinado tempo, com movimentos específicos, que se transformaram à medida que outros moradores e outros tempos foram surgindo e nem sempre tais transformações foram validadas pelos moradores que lá estavam, gerando tensões que revelavam disputas pelos espaços do bairro.¹⁶

¹⁵ ALBUQUERQUE Jr. Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**, Campinas: Unicamp, 1999. p. 307-311.

¹⁶ MORAIS, Isabel Rodrigues de. **São Miguel Paulista – Capela de São Miguel Arcanjo: Interfaces da Memória do Patrimônio Cultural**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. p. 79.

Moradores mais antigos, por exemplo, nunca aceitaram a mudança de nome daquela que é considerada a principal artéria de circulação do bairro, a atual avenida Marechal Tito, antiga estrada São Paulo-Rio, que foi rebatizada em homenagem ao antigo líder socialista da ex-Yugoslávia, por um projeto de lei de um vereador local de origem nordestina e que era ligado ao Partido Comunista Brasileiro, nos anos 1940. Ou ainda, a modificação do nome da via que conecta o centro do bairro aos bairros de Itaquera e Guaianazes, de estrada do Lajeado para avenida Nordeste, clara alusão ao crescente poder político dessa comunidade sobre o bairro. As motivações eleitoreiras também levaram a mudança de nomes de antigas ruas que faziam referência aos locais de origem dos primeiros migrantes trazidos para trabalhar na Nitro Química. As ruas Estiva, Extrema e Camanducaia, cidades mineiras de onde eles vieram, foram renomeadas com nomes de pessoas desconhecidas para os moradores mais antigos.

Quanto a isso, lembramos que as transformações ocorridas em São Miguel, a partir das décadas de 1930 e 1940, no plano das condições de vida, do trabalho e das relações sociais, promoveram significativas alterações culturais no bairro. Estas se fizeram sentir tanto em termos das atividades, quanto no modo pelo qual os moradores se organizaram para a sua realização, disputando entre si o uso e o controle dos espaços e dos equipamentos necessários à produção e organização de atividades.

Esse processo pode ser interpretado como sendo, em grande parte, o da construção de mecanismos por meio dos quais um setor emergente da “sociedade local” procurava legitimar-se perante os demais, ao exercer a direção intelectual e moral sobre eles.

A linguagem poética e teatral do MPA e a questão do direito à cidade

A história da produção teatral em São Miguel originou-se na década de 1950, com a criação do ETAU – Entidade Teatral de Atores Unidos, no interior de uma das seções da Nitro Química. Depois disso, outros grupos ligados à igreja católica e às Sociedades Amigos de Bairros também passaram a atuar no bairro, que chegou a possuir cerca de 16 grupos teatrais no início dos anos 1970. Em 1969, durante o mês de outubro, foi realizado o Festival “Cacilda Becker” de Teatro

Amador de São Miguel, que permitiu o início de um trabalho de leitura de peças, cursos e seminários sobre história do teatro, interpretação, iluminação, entre outros conhecimentos, sob a coordenação da regional São Miguel da Federação de Teatro Amador da cidade de São Paulo. Em 1970, aconteceu ainda uma segunda edição do Festival “Cacilda Becker” mas, com o fechamento da regional, começou um período de declínio do movimento teatral no bairro.¹⁷

“Periferida”, “Teatro do Núcleo” e “T-Rua” são alguns dos grupos teatrais que participaram de forma decisiva do Movimento. Segundo Sposito (1987, p. 48), o teatro no MPA se caracterizou pela contestação aos moldes dos anos 1960, que, para muitos dos participantes, originários de famílias operárias de baixa instrução, o conteúdo politicamente radical de apoio aos movimentos de transformação social parecia ser uma grande novidade.

Seguindo nessa mesma temática, o grupo Núcleo Teatral Periferida, que atuou na zona leste, de 1979 a 1986, e que foi extremamente ativo no MPA, encenou a peça “*Canção pequena para ninar um menino morto*”, com um conteúdo que não só denunciava o abandono da infância e da juventude na periferia, mas também a sua criminalização e a violência policial contra seus habitantes. Abaixo, estão versos da canção, composta pelo músico Edvaldo Santana, que foi tema da peça teatral e não deixava dúvidas sobre suas intenções.

Agora o menino dorme
na sua postura correta
sozinho na noite enorme
Como quem dorme
de forma completa
por não ter havido outro jeito
senão crescer depressa e a esmo
na escola das ruas e ter feito
de si o indefeso refém de si mesmo
por não ter havido diferença
entre as coisas da vida e da morte
foi morto com bala de polícia
mas podia ter sido de fome ou de corte
[...]

(Incidental: “Passarinho”, de Edvaldo Santana)¹⁸

¹⁷ SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Memória do Movimento Popular de Arte no Bairro de São Miguel Paulista: Cultura, Arte e Educação**. São Paulo: USP, FFCL, 1987. p. 46.

¹⁸ Disponível em: <<http://www.blogdoakirayamasaki.blogspot.com.br>>.

Nas palavras de Edgar Flanelas,¹⁹ sobre o teor a produção poética do MPA: “Akira Yamasaki compõe, com Cláudio Gomes e Severino do Ramo (já falecido), o legado mais denso da poesia gestada nos primeiros anos do movimento, marcada por rica produção, fincada na procura incessante do verso perfeitamente vestido de lirismo e contemporaneidade.”

(Para as crianças barrigudas que ví)
Vontade grande
de arengar com deus
perguntar-lhe porque
as crianças nordestinas
são barrigudas e anêmicas
porque em são paulo/rio
as favelas brotam em cada terreno baldio
oh deus! vontade de te fitar
vontade de arengar contigo
vontade de ter dois seios grandes
donde saísse mel
mel e leite
para alimentar
para acabar com a miséria

Severino do Ramo

E, ainda temos à destacar, as composições do LP “Movimento Popular de Arte”, lançado de maneira independente, em 1985 que, de um modo geral, também traçam perfis das histórias dos moradores da periferia paulistana, permeadas pela violência, lutas de classe, infância desprotegida, entre outros. Na canção “Passarinho”, música de abertura da coletânea, há versos em que são feitas referências à censura imposta pela ditadura e pelo capital e aos poetas e cantadores engajados na luta política pela democratização do país.

“...Vaidosa lua cheia
De homens sem sol
Seu olhar é soberano
Seu brilho é testemunha...”

Mas não só isso, a violência contra os jovens negros, a prostituição vivida pela mulher pobre, oprimida pelo medo e pela dor, condição vivida também pelos

¹⁹ Disponível em: <www.recantodasletras.com.br>.

“*homens sem sol*”,²⁰ que bem podem ser trabalhadores noturnos, prisioneiros dos cárceres da repressão política ou simplesmente policiais. Outra vez, desponta a questão da dificuldade de produção cultural em um tempo de opressão e falta de recursos para a divulgação da arte produzida por artistas populares.

A segunda canção, “Pela estrada de ferro”,²¹ aponta para a formação do bairro de Ermelino Matarazzo, antigo distrito de São Miguel, que se desenvolveu também com a implantação de uma unidade industrial e pela passagem dos trilhos da linha Variante da Central do Brasil.

“...Pelas tumbas que canto o estribilho
Aqui jaz povo livre
Minha infância espreita meus filhos
Você saiu dos trilhos
Minha história e os outros amigos
Como a fumaça meus brilhos...”

Faz referência aos problemas de moradia e pobreza do bairro. Em versos sutis, busca lembrar o passado de lutas da classe operária formada pelos trabalhadores da fábrica, mostrando a importância desse passado para o aprendizado das novas gerações: “*[...]minha infância espreita meus filhos*” é um verso que revela a preocupação com o futuro, além da repetição do ciclo de pobreza ficar clara.

A preocupação contemporânea de caráter social, que não deixa de lado a questão estética presente na produção artístico-literária do MPA, nos possibilita o entendimento, historicamente situado de nossa realidade, a fim de ampliar nossa compreensão sobre as formas de manifestação política, que se dão por meio da produção cultural, na periferia paulistana, podendo, desse modo, contribuir, mesmo que timidamente, com os estudos que se desenvolvem, atualmente, sobre as disputas em torno do direito à cidade.

²⁰ “homens sem sol” – expressão contida na música “Passarinho”, de autoria do cantor e compositor Edvaldo Santana.

²¹ De autoria do cantor e compositor Raberuan.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Campinas: Unicamp, 1999.
- ARANTES, Antonio Augusto. **Produzindo o Passado. Estratégias de Construção do Patrimônio Cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- AZEVEDO, Aroldo de. **Subúrbios Orientais de São Paulo**. São Paulo, 1945. Tese (Doutorado em Geografia - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945).
- BOMTEMPI, Sylvio. **O Bairro de São Miguel Paulista**. São Paulo: Prefeitura Municipal/Departamento de Cultura, 1970.
- BOMTEMPI, Sylvio. **Origens Históricas de São Miguel Paulista**. São Paulo: Unicsul, 2000.
- CALDEIRA. Tereza Pires do Rio. **A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos**. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A cidade**. São Paulo: Contexto, 2007.
- DEAN, Warren. **A Industrialização de São Paulo (1880-1945)**. São Paulo: Difel, 1971.
- FONTES, Paulo Roberto Ribeiro. **Comunidade Operária, Migração Nordestina e Lutas Sociais: São Miguel Paulista (1945-1966)**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2002.
- SANTOS, Milton. **A Urbanização Brasileira**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2009.
- JORGE, Janes. **Tietê, o rio que a cidade perdeu: São Paulo 1890-1940**. São Paulo: Alameda, 2006.
- LEFEBVRE, Henri. **O Direito à Cidade**. São Paulo: Documentos, 1969.
- MORAIS, Isabel Rodrigues de. **São Miguel Paulista – Capela de São Miguel Arcanjo: Interfaces da Memória do Patrimônio Cultural**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.
- MOSTAÇO, Edécio. **Teatro e política: arena, oficina e opinião**. S.l.: Proposta Editorial, 1982. p.10-11.

NAPOLITANO, Marcos. **MPB: a trilha sonora da abertura política (1975/1982).**

São Paulo: Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo, 2010.

SAES, Flávio Azevedo Marques de. **Industrialização e urbanização 1870-1960.**

In: CAMARGO, Ana Maria de Almeida (Org.). **São Paulo uma viagem no tempo.**

São Paulo: CIEE, 2005.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república.** São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SPOSITO, Marília Pontes (Coord.). **Memória do Movimento Popular de Arte no Bairro de São Miguel Paulista: Cultura, Arte e Educação.** São Paulo: USP, FFCL, 1987.

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Faculdade de Ciências e Letras de Assis.
Av. Dom Antonio, 2100. CEP. 19806-900
Assis, São Paulo-SP, Brasil.